



Literatura em questão: As relações de gênero no romance “Nove Noites” de Bernardo Carvalho

*Solange Pereira do Nascimento**

*Maria Socorro Alves de Souza***

*Andrea Costa de Andrade****

RESUMO

O ensaio literário-filosófico e as perspectivas de gênero resultam de um processo de reflexão no romance “Nove Noites”. O autor narra a história de um jovem antropólogo americano de classe média alta que vive conflitos existenciais intensos de ordem familiar e afetiva. O objetivo deste estudo é refletir sobre o olhar multidisciplinar da literatura em questão, não apenas pelo viés literário, mas da construção das relações de gênero que permeiam toda a obra sob a visão do personagem Buell Quain. Nove Noites é uma mescla entre memória e ficção e as vozes que subsistem nos relatos são precárias, incertas e fragmentadas. Trata-se de uma realidade apoiada na ficção. Conclui-se que apesar dos conflitos amorosos ou conjugais parecerem não ter relevância no romance, a escrita do autor e a narrativa do personagem são marcadas pela objetividade, sem quaisquer derramamentos emotivos, sentimentais, mas a técnica é utilizada como uma espécie de subterfúgio das coisas do coração. O romance em si nos leva a adentrar pela subjetividade humana, numa viagem onde realidade e ficção se fundem naturalmente.

Palavras-chave: Literatura, subjetividade, ficção e realidade.

INTRODUÇÃO

Este ensaio literário-filosófico resulta de um processo de reflexão sobre o romance “Nove Noites” de Bernardo Carvalho numa perspectiva de gênero. O autor narra a história de um antropólogo americano de classe média alta que vive conflitos existenciais intensos de ordem familiar e afetiva. Esse romance é um convite a pensar as relações de gênero e poder no campo da subjetividade humana.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: soliamnisenascimento@yahoo.com.br

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Professora da Universidade Federal de Roraima. E-mail: socorroalves2000@yahoo.com.br

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Psicóloga da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: deastein@ig.com.br



A reflexão parte de um olhar multidisciplinar sobre a literatura em questão. Nesse sentido não somos literatas, mas, estudiosas de gênero. O romance em si nos leva a adentrar pela subjetividade humana, numa viagem onde realidade e ficção se fundem naturalmente.

“Para quando você vier”, frase central do romance que avança para a possibilidade de um ato extremado – suicídio que é o furo de reportagem de Bernardo Carvalho, autor da obra, que ao longo da trama convida o leitor a enveredar por uma história onde o mistério entre vida e morte se entrecruzam numa narrativa de drama e suspense.

Não temos o interesse de saber se o fato foi verídico ou não, ou mesmo se Buell Quain existiu, mas, refletir sobre a problemática existencial humana que chega ao paradoxo de pôr fim à vida num extremado de sofrimento psíquico, moral, sociocultural e intelectual.

Nove noites nos possibilita refletirmos sobre a condição humana, o modo como nos relacionamos e a capacidade de superação de circunstâncias da vida que podem causar dor e sofrimento. O suicídio de Buell Quain sugere um momento singular de fragilidade e desequilíbrio humano, em que há dificuldade em organizar a vida, a lidar com perdas, frustrações e sofrimentos

A morte se torna para Buell Quain uma possibilidade de transcendência de um sujeito que busca romper consigo mesmo numa tentativa desesperada de superar a condição de uma orientação sexual mal resolvida e que neste sentido o leva a afastar-se de tudo e todos até um isolamento social completo perdido na Amazônia brasileira.

Buell Quain revela-se um homem ambíguo nas relações familiares. O romance a todo instante narra situações que revelam a dificuldade de relacionar-se com o feminino. Isto se evidencia numa das passagens da obra em que através das inúmeras cartas que escrevia para seus familiares se reportava aos homens da família e não às mulheres como comenta Bernardo Carvalho.

A história de Buell Quain começa quando uma carta é deixada a um destinatário ausente, à qual narra histórias, acontecimentos e memórias evocativas de um tempo vivido, precedente a sua morte. Em um dos trechos da carta, o

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



antropólogo faz alusão a esse destinatário, pretensamente um amigo muito embora no início da trama não fica claro quem seria essa pessoa a partilhar revelações sobre sua vida.

[...] Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade. (CARVALHO, 2006, p.6).

Na narrativa são feitas alusões a outras cartas endereçadas aos Estados Unidos, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Carolina, Capitão Ângelo Sampaio, delegado de policia e ao destinatário da carta testamento. São estas referidas cartas que servirão como pistas para outro personagem narrador que exercerá a função investigativa sobre o suicídio de Buell Quain. Trata-se de um jornalista que ao tomar conhecimento da morte do antropólogo através de “um artigo de jornal” em 12 de maio de 2001, quase sessenta e dois anos depois do suicídio, decide investigar o motivo de sua morte.

Buell Quain é a figura atormentada de um homem jovem, cientista e conhecedor da vida tanto no sentido moral quanto geográfico. Em suas andanças pelo mundo e por ser etnólogo escolheu lugares inóspitos para ir. Ele é também moralmente segundo o autor uma pessoa atormentada entre viver as regras de um comportamento social exemplar, ao mesmo tempo, que parece querer soltar sua fera interior. Ele é de fato mundano tanto no sentido heideggeriano como também freudiano.

“Para quando você vier” [...] quem chegaria para um homem tão jovem que aos 27 anos de idade já parecia farto de tudo o que vira, ouvira e fizera na vida? Porque cruzar o mundo do pacífico para o atlântico em meio à densa floresta amazônica, no centro-oeste brasileiro? A pesquisa era seu foco de verdade, ou buscara saturado de uma vida angustiada se refugiar em algum lugar aonde não pudesse ser encontrado? Ao mesmo tempo em que desejava se esconder, deixava rastros através de cartas que escrevia para familiares e pessoas responsáveis pela pesquisa no Brasil. *Para quando você vier*[...] Eis o início dos escritos.



A ciência foi à porta de entrada para um homem desejoso de conhecer a si mesmo e disposto a ir onde ela o fosse capaz de levar não importando a localidade geográfica. O papel de etnólogo pareceu lhe caber muito bem, mas não encontrou suas respostas sendo um homem de ciência. A vinda de Buell ao Brasil teve influência do antropólogo Franz Boas Diretor do departamento de antropologia de Columbia interessado na etnologia brasileira. Aqui no Brasil, passou a ser orientando da pesquisadora Heloísa Alberto Torres diretora do Museu Nacional. Inicialmente, Quain tinha o objetivo de estudar os índios Karajá, mas ao tomar conhecimento que os índios Trumai se encontravam em via de extinção, decidiu conhecer esse grupo, na qual passou quatro meses, antes de retornar ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1939.

Em uma carta endereçada a colega Ruth Landes, Quain descreve a cidade de Carolina como um “lugar tedioso de analfabetos e intelectuais, que usam ternos brancos e gravatas e pertencem a uma sociedade literária [...] encontrei um grupo de índios krahô parecem pavorosamente obtusos” e prossegue, “há um monte de coisas sobre os brasileiros e as cidades brasileiras que me dão vontade de tirar a roupa e me masturbar em praça pública” (CARVALHO, 2006, p. 26)

Santos (2008, p. 4) num artigo intitulado a filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal dizem que,

Na sua origem, a ciência teve plenamente consciência de que os problemas mais importantes da existência lhe escapavam, por exemplo, na altura, o problema da existência de Deus, o problema do sentido da vida, o problema do modelo ou modelos de uma boa sociedade, o problema da felicidade, o problema das relações entre os homens e as outras criaturas que, não sendo humanas, partilhavam com os homens a dignidade de serem igualmente criações de Deus.

A sociedade pós-moderna da qual fazemos parte extirpou de suas bases teóricas discursos considerados de menor valor porque não comprovados pela ciência empírica. Os alicerces do conhecimento que outrora pensávamos ser inabaláveis como Deus - centro de tudo e do qual tínhamos toda a leitura de mundo fosse existencial ou espiritual foi trancafiada na gaveta da teologia e das religiões.



Toda a exatidão das ciências não explica os sentimentos e as emoções humanas. O homem por ser uma criatura imperfeita, finita e efêmera é abruptamente substituído pelo próprio tempo de maneira imperdoável.

Será que devemos apostar no *Homem econômico de Marx*, no *instintivo de Freud*, no *angustiado de Kierkegaard*, no *utópico de Bloch*, no *existente de Heidegger*, no *falível de Ricouer*, no *hermenêutico de Gadamer*, no *problemático de Marcel*, no *cultural de Gehlen* ou no *religioso de Luckmann*? (MONDIN, 1980, p.13). Quain é a representação do eterno dilema humano. Pensar que é livre e ao mesmo tempo está condenado a liberdade no sentido sartreano.

Não é um reducionismo a respeito da náusea, mas, esta também não serve em sua totalidade para explicar tudo a respeito da problemática existencial humana. Mas, esse legado que Sartre deixou ainda demorará um pouco para ser superado porque a náusea está em aberto assim como a morte.

O corpo essa matéria pesada que carregamos ao longo dos anos só nos aponta o chão onde nossos pés estão plantados. Buell Quain experimentou disso ao viajar o mundo todo em busca de respostas para si mesmo. Ele queria alçar voo, se mostrar ao mundo como era, expandir seus desejos, suas taras, talvez, porque a um certo momento parece reprimido, infeliz, nauseático. Quain desejou superar a própria morte quando percebeu que estava na fronteira entre a existência e a não existência. Tirar a própria vida não é um fato louvável e muito menos exemplo para ninguém. Foi uma opção dele quando se recusou a continuar comendo da mesa da existência. Desejou não mais vomitar porque não sabia mais o que fazer com os restos de esperança que o vômito provocava.

Teria a depressão, causado transtornos psíquicos a ponto de levá-lo a cometer um desatino? Estaria Buell Quain doente? Teria ele consciência da gravidade de seus atos ao tirar a própria vida? Afinal, como podemos julgar o que é doença e o que significa estar doente?

Hegenberg (1998, p.58) a respeito da concepção de doença (*krankheitsvorstellung*) diz que:

O que a doença pode significar para o ser humano depende, em larga margem, do “estilo de pensamento” dominante. Como a história revela, há



muitas concepções, ou representações, da doença, cada uma delas vinculada a determinados atributos que as diferentes épocas e os diferentes povos lhe emprestaram [...] a palavra doença mantém nexos com aegritude, nosologia e patologia.

Assim, a doença num primeiro momento pode representar um certo mal estar social e avançar para um quadro clínico para que possa ser devidamente tratada. Não foi esse o caminho percorrido por Quain? As incongruências entre a riqueza e o esbanjamento e ao mesmo tempo estar entre pessoas humildes como os índios do pacífico e do Brasil o levou a dimensão do desespero entre duas grandes fronteiras: a vida e a morte.

Não seria a consequência dessa doença social a princípio que o levou a um quadro clínico quando começou a confundir realidade e delírio? Não é ele que pensa está sendo traído pelo seu irmão? Mas, ele era casado? Ou teria deixado uma namorada na América? Não estaria vivendo uma dupla personalidade, quando o autor deixa transparecer que Quain seria homossexual e por isso teria vergonha de sua própria condição? Seria ele aceito pelos nativos do pacífico quanto do Brasil se tivesse se revelado como tal? O homossexualismo é um tabu até hoje entre os indígenas. Imagine nos anos 30.

Quain parecia buscar um lugar onde pudesse se compreender. Parecia fugir do mundo e de si próprio. Digamos que ele procurou o que hoje virou modismo principalmente entre as classes mais abastadas. Um *spa* entre os nativos do pacífico quando viu a propaganda de corpos queimados ao sol, reluzentes, perfeitos. O desejo o levou a busca desenfreada de sugar da existência tudo que lhe fosse possível. Mas, ao contrário do pacífico foi se embrenhar de mata adentro num país de terceiro mundo, com 'seres selvagens' quase em extinção como os Trumai, sem nenhum requinte à mesa ou como os Krahô que se revestiam de penas para celebrar a vida. Que paradoxo!

Ele foi do tudo ao nada. Norte americano, abastado, cientista o que mais poderia desejar da vida? Porque o que parece solução para a maioria para ele era uma espécie de castigo? Procurou o oposto do que era, mas, não foi capaz de transcender a si mesmo. Eis o desespero. Não foi capaz de estar com essa gente e participar de suas vidas, comungar, partilhar, estar junto. Vivia sempre longe,



observando, conversando aqui e acolá, mas, como elemento exógeno. A náusea que acompanhava Quain é também a náusea do próprio autor que através do livro deixa fluir suas angústias em nove noites de espera desesperada. Estaria ele também buscando esses restinhos de esperança no momento crucial de decisão?

Quain não quis superar a existência. Ele quis ir além dela. O que a história não é capaz de entender, a ficção de forma estética pode revelar. Analisemos a forma como o autor finaliza a vida de Buell Quain. Primeiro ele se corta com um canivete, num sacrifício de purificação do próprio corpo chagado de impurezas. Depois se enforca impedindo que o hálito que lhe deu a vida ainda soprasse em seu corpo. Sangue (αἷμα) e hálito (αυαννοή) como no grego.

É interessante, aprofundarmos os dois modos pelos quais Quain escolheu morrer. O ato de mutilar o próprio corpo com cortes por toda parte fez com que ele fosse morrendo aos poucos, como se desejasse sentir cada momento do cessar corpóreo. Não sendo suficiente banhar-se de sangue resolveu se enforcar.

Em praticamente todas as culturas o sangue aparece como um interdito segundo Nascimento (2013). O sangue é a força maior de expressão da vida. É o sacrifício máximo e mais profundo dar o próprio sangue seja por alguma nobre causa ou por sacrifício aos deuses. O sangue das virgens lançado pela degola de batente abaixo entre os astecas e outras civilizações que tinham esse costume representava a oferenda aos deuses como o melhor que se tinha para ofertar.

O sangue do filho de Deus jorrado até a última gota do alto da cruz foi também a oferta máxima de um Deus que deu tudo para salvar a humanidade de suas culpas. No sangue está presente a vida e o sacrifício. Porque Quain desejou o sacrifício? Quem o impôs? Porque os índios ficariam bem após a sua morte? De quem ou do que os defendia? Sua morte poderia ter sido evitada?

O segundo elemento escolhido é a força. O enforcamento suspende a passagem de ar dos pulmões para a cabeça e na ausência dele o oxigênio essencial à vida se extingue num processo lento e sufocante onde o corpo lentamente vai se entregando. O hálito gratuito da vida que Quain recebeu ao nascer, ele o devolve a quem o deu gratuitamente. Sua morte foi à recusa aos dois

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



grandes sinais de vida: sangue e ar. De fato Buell Quain queria morrer porque se colocou numa situação para a qual não parecia haver mais saída.

O que então fazer diante de uma escolha consciente? Arriscar. Farto desse mundo, morrer seria encontrar uma outra possibilidade que talvez lhe pudesse dar as respostas que nesta dimensão ele não encontrara. Então, vejamos o que Heidegger nos tem a dizer sobre isso.

A morte é uma possibilidade ontológica que a própria pre-sença sempre tem de assumir. Com a morte, a própria pre-sença é impendente em seu poder-ser mais próprio. Nessa possibilidade, o que está em jogo para a presença é pura e simplesmente seu ser-no-mundo. Sua morte é a possibilidade de poder não mais estar pre-sente (SILVA, 1994, p. 122).

A morte impede o *dasein* de fixar-se em determinada situação. Ela é também a possibilidade de existência autêntica. Compreendendo a possibilidade da morte como impossibilidade da existência e, assumindo-a com decisão antecipadora, o *Dasein* reencontra-se consigo mesmo, com seu ser mais autêntico: um ser-para-a-morte.

Dasein e Náusea. A náusea é esse sentimento que invade o ser humano quando descobre a dura absurdidade do real e a contingência na qual está imerso e o *Dasein* é um ente privilegiado porque estabelece uma relação de ser com seu próprio ser.

Assim, o homem uma vez lançado na vida é responsável por tudo aquilo que fizer, particularmente, pelo projeto fundamental de sua existência. A escolha ou a opção, se impõem como necessidade inevitável. Justificativas e desculpas para os erros existem. O homem é totalmente responsável pelos seus atos.

E é dessa forma que Buell Quain se entrega livremente à sua última opção. Lançando-se aos braços de Morfeu torna-se mais um a dizer: *Para quando você vier, nós que aqui estamos por vós esperamos!*

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bernardo. Nove noites: romance. São Paulo: Companhia das letras, 2006

